

Bento Teixeira: Inquisição e Sociedade Colonial

ENEIDA BERARDI RIBEIRO

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo

RESUMO O artigo analisa, a partir dos depoimentos de Bento Teixeira, réu da Inquisição Portuguesa, parte da trajetória deste poeta, cristão-novo, preso em 1595, na capitania de Pernambuco. Os textos que redigiu nos quatro anos em que esteve preso possibilitam-nos conhecer um pouco de sua mentalidade, inserida no contexto colonial brasileiro e na insegurança e dualidade em que vivia a população conversa. Remetem-nos também ao cotidiano dos cárceres do Santo Ofício, descrevendo o tratamento dado aos réus e à corrupção que grassava no seu interior.

PALAVRAS-CHAVE Bento Teixeira; Inquisição; Inquisição Portuguesa; Cristãos-novos; Cristãos-Novos no Brasil.

ABSTRACT This article analyses part of the trajectory of the New Christian poet Bento Teixeira, defendant of the Portuguese Inquisition, arrested in 1595 in the captaincy of Pernambuco, based on his testimony. The texts written by him during his captivity allow us to know about his mentality, inserted into the Brazilian colonial context, in which the converse population lived with insecurity and duality. They also refer to the daily life of prisons of the Holy Office, describing the treatment given to the defendants and the corruption that was raging inside them.

KEYWORDS Bento Teixeira; Inquisition; Portuguese Inquisition; New Christians; New Christians in Brazil.

O MATERIAL PRODUZIDO PELO TRIBUNAL DO SANTO OFÍCIO DA INQUISIÇÃO É RICA fonte de informação que nos possibilita a compreensão de muitos fenômenos nas mais diversas áreas. Podemos encontrar, lendo nas entrelinhas dos interrogatórios e de outros textos produzidos, parte da história de cada um dos presos. Apreendemos a visão que tinham de suas realizações, sua vida familiar e círculo de amizades, sua cultura, seu comprometimento religioso, a extensão de sua fé, além de seus anseios e projetos de vida.

Bento Teixeira é conhecido como o primeiro poeta brasileiro, e, provavelmente, o primeiro nas Américas. Foi preso pelo Tribunal do Santo Ofício em Pernambuco e morto nos cárceres da Inquisição em Portugal.¹ Sua vida, traços de sua personalidade e algumas de suas ideias podem ser percebidos através de textos que ele mesmo redigiu enquanto permaneceu preso. Bento Teixeira produziu a obra *Prosopopeia*² e foi um homem de extraordinária erudição, em um ambiente sem escolas, livros e cultura. Conhecê-lo nos traz um quadro da vida colonial, até agora pouco revelado, pois nela se escondia uma população culta, heterodoxa e descrente do Catolicismo.

Nossa fonte principal é o seu processo, cujo manuscrito encontra-se nos Arquivos do extinto Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, hoje depositado no Instituto de Arquivos Nacionais da Torre do Tombo em Lisboa. A análise dos textos que redigiu, e que foram anexados a seu processo inquisitorial, resultou em uma tese de Doutorado no Departamento de História da Universidade de São Paulo (RIBEIRO, 2007). Neste artigo saliento as informações extraídas apenas desta fonte primária.³

O homem

Iniciemos nosso trabalho focalizando o homem, sua personalidade e seu cotidiano. Bento Teixeira nasceu no Porto no ano de 1560. Veio para o Brasil aos seis anos de idade, com os pais e um irmão. Passou sua primeira infância na capitania do Espírito Santo, e, em seguida a família mudou-se para o Rio de Janeiro, Bahia e, finalmente, já

órfão, foi morar em Pernambuco. Formou-se no Colégio da Companhia de Jesus, tornando-se professor de letras e latim. Era judeu de origem e recebeu de sua mãe, Lianor Rodrigues, os primeiros ensinamentos do Judaísmo. Casou-se com Felipa Raposo, por quem nutria uma grande paixão, e cuja traição o levou ao desespero e ao crime.

O Meio Social

A população conversa residente na colônia, principalmente em Pernambuco, era numerosa. Conhecidos como cristãos-novos ou marranos, estes lusos brasileiros eram descendentes dos judeus convertidos à força em Portugal, no ano de 1497,⁴ que mantiveram clandestinamente determinadas práticas da religião judaica. Essas foram transmitidas de geração em geração, durante mais de três séculos, e hoje ainda encontramos, no sertão do Brasil, os vestígios desse criptojudaísmo.

Os cristãos-novos que vieram ao Brasil não eram todos católicos de coração. Perceberam que na colônia poderiam praticar sua religião sem as ameaças da Igreja oficial. Para os padres catequizadores, a fiscalização de toda a população era difícil. Os cristãos-novos puderam, assim, usufruir de certa liberdade, praticando os antigos ritos, ou melhor, aquilo de que se lembravam dos ritos que aprenderam oralmente com pais, tios e amigos.

As pesquisas em Arquivos Inquisitoriais mostram que havia na Bahia quinhentista uma elite letrada, que surpreende o historiador (LIPINER, 1968, p. 107 e seg.; RIBEIRO, 2011). A Bíblia, proibida de ser lida pelos colonos, corria clandestinamente, e obras como *Metamorfose*,⁵ de Ovídio, e *Diana*, de Montemayor,⁶ constam entre os pertences dos cristãos-novos.

Com outros cristãos-novos, Bento Teixeira costumava se reunir para discutir sobre os mais dife-

rentes temas. Nessas reuniões, os dogmas da religião católica eram os mais questionados.

A Inquisição descobre o Brasil

Os Inquisidores sabiam que a ortodoxia religiosa na colônia não era muito rigorosa e, no ano de 1591, mandaram um agente oficial⁷ para investigar e prender os suspeitos de qualquer infração contra a Igreja Católica. As capitânicas da Bahia (1591-1593) e de Pernambuco (1593-1595) foram os primeiros alvos. Fixavam-se então às portas da igreja os Monitórios, que continham informações sobre as heresias que a população deveria denunciar.⁸ Entre estas informações, constavam os crimes de Judaísmo, minuciosamente descritos.

O Santo Ofício concedia trinta dias para os moradores virem denunciar e confessar espontaneamente. Durante este período, os que se apresentassem ao Inquisidor estariam, em teoria, livres das penas de prisão e confisco de bens.⁹

O clima social e a relativa autonomia religiosa na colônia sofreram sérios abalos com a chegada do Visitador. Em Pernambuco, compareceram para denunciar principalmente cristãos velhos, que se referiam a diferentes heresias. As infrações mais frequentes foram relativas aos blasfemos. Este quadro, porém, se modifica sensivelmente e, no século XVIII, o maior número de denúncias recai sobre o crime de Judaísmo (NOVINSKY, 2002, p. 39).

O Poeta Bento Teixeira, réu do Santo Ofício

Bento Teixeira consta entre os primeiros subversivos do Brasil. Foi denunciado como judaizante por seis cristãos-novos e seis cristãos velhos. A maioria relatou fatos apenas por “ouvir dizer”, sem apresentar provas concretas.

As principais denúncias que os Inquisidores,

tão ávidos de novos prisioneiros, ouviram contra Bento Teixeira referiam-se às críticas que fazia ao Catolicismo. Bento Teixeira zombava dos dogmas e dos representantes da Igreja. Descria da existência do Purgatório e da Santíssima Trindade, assim como da virgindade de Maria. Referia-se com desprezo ao Papa e aos Cardeais.¹⁰ Seu desdém para com a Igreja, por exemplo, se revela numa ocasião em que a cidade necessitava de tijolos para a reforma de uma capela. Bento Teixeira afirmou que sua casa era tão sagrada quanto a igreja, e negou-se a contribuir. Foi acusado de não trabalhar aos sábados, o que era considerado crime de Judaísmo, e de rezar a oração do Pai Nosso, sem mencionar a palavra Jesus no final.

Mas foi no campo intelectual que Bento Teixeira chamou a atenção dos Inquisidores. Homem de vasta cultura, possuía diversos livros. Traduziu a Bíblia para a linguagem vernácula, o que, na época, era proibido. Em diversas passagens de seu processo revela seu orgulho de ser judeu.

Bento Teixeira foi preso pelo Santo Ofício no ano de 1595, tendo ficado encarcerado por quatro anos. Enquanto permaneceu cativo escreveu textos através dos quais buscou, a princípio, negar todas as prováveis acusações. Tentando livrar-se da culpa, por várias vezes procurou enganar os Inquisidores, mostrando-se arrependido.

Bento Teixeira construiu um jogo. Sabia que se não colaborasse com os Inquisidores, morreria. Procura por todos os meios salvar-se. E emprega o mesmo artifício da maioria dos cristãos-novos: denúncia e confissão. Fazia parte do sistema inquisitorial insistir com os presos para que confessassem e denunciassem seus parceiros. Na posse dos nomes de seus parentes e amigos, os Inquisidores aumentavam a possibilidade de novas prisões e futuros vencimentos, adquiridos através dos confiscos de bens.

Há um fato extremamente significativo, mencionado por Bento Teixeira, sobre a inocência dos réus. Consta que os padres que os visitavam nas celas procuravam convencê-los a confessarem-se culpados, mesmo se não tivessem cometido o crime, para assim livrarem-se da morte. Destacam-se os Padres da Companhia de Jesus como confessores e acompanhantes dos presos durante a prisão e nos autos de fé.

A máquina inquisitorial foi delatada por Bento Teixeira em seus aspectos mais sórdidos, em tom de denúncia, sobre a tortura e corrupção aos próprios Inquisidores. O poeta relatou a comunicação entre os presos dentro da prisão e destes com parentes e amigos fora dela; os conselhos que os réus mandavam aos membros da família para que confirmassem o crime de Judaísmo para poderem ser absolvidos, como foi o caso do neto do botânico Garcia D'Orta,¹¹ que foi companheiro de cárcere de Bento Teixeira. Contou ainda que nos cárceres se acertavam casamentos, numa tentativa dos presos de manterem algum laço com o mundo do qual haviam sido arrancados.

Bento Teixeira era muito bem informado e conhecia os suplícios infringidos aos réus, referindo-se, inclusive, às mulheres, que, menstruadas, eram colocadas na tortura e enlouqueciam.

Bento Teixeira descreveu a Inquisição em toda a sua monstruosidade. Chamou a prisão de um “inferno abreviado” e os Inquisidores de “homens cegos”, que prendiam pessoas sem culpa alguma, submetendo-as a “violências e desonras”. Diz textualmente em seus escritos que os Inquisidores buscavam as culpas “por toda a terra, e quando não as achavam, iam buscá-las no abismo”. Enquanto mantinham inocentes em condições desumanas, usufruíam de privilégios e luxo (ANTT/PT/TSO-IL Proc. nº 5206).

O Santo Ofício da Inquisição não absolvía ja-

mais. E Bento Teixeira conhecia a fundo a falsidade dos processos. Como Galileu, Bento Teixeira quer viver. E para viver tem de colaborar com os Inquisidores, dizer tudo o que queriam ouvir. Ele manipula, finge, mente e se prostra como um pecador que ante a morte se rende.

De judeu, que efetivamente foi, Bento Teixeira tentou passar a imagem de arrependimento profundo e retorno ao Catolicismo, religião ensinada na primeira infância. Nos textos que escreveu revelou profundos conhecimentos das Escrituras, História e Línguas. Seus textos ficaram imersos em seu *Processo*. Suas confissões deixam vir à luz uma comunidade secreta no Brasil do início do período colonial, que, pouco ameaçada, no século XVI, preservou vivas as tradições herdadas de seus descendentes.

A Mentalidade

Bento Teixeira confessou, perante os Inquisidores, tudo o que eles desejariam ouvir. Conhecia exatamente as manobras que poderiam salvá-lo ou matá-lo e as utilizou de forma inteligente e, até mesmo, surpreendente.

Bento Teixeira revela uma mentalidade acima do seu tempo. Em seus escritos não teve limites na crítica à idolatria, pois, como dizia, “não podia acreditar num Deus que se tomava pela boca e se lançava pelo traseiro afora” (ANTT/PT/TSO-IL Proc. nº 5206).

Deus, uma Trindade? Maria, uma virgem? Bento Teixeira conhecia as farsas na qual viviam envolvidos os cristãos-novos, judeus clandestinos umas vezes, católicos fervorosos, outras, mas todos vulneráveis. E nada escapa de sua crítica, principalmente a Igreja. Estudou com os jesuítas, mas ironizava a mensagem do clero, pois “antes rebentasse pelas ilhargas que chegar a ser de missa” (ANTT/PT/TSO-IL Proc. nº 5206).

Bento Teixeira apresenta traços de descrença e ceticismo. Mas mantém uma vaidade: “pertencia à casta dos macabeus” (ANTT/PT/TSO-IL Proc. nº 5206). É interessante conhecer um aspecto do caráter de Bento Teixeira, o que criticou o comportamento de seus irmãos de origem, os cristãos-novos. Abominava suas idas e vindas religiosas, suas mentiras e a falta de integridade em assumir o que eram: judeus. Exigia que os cristãos-novos tivessem a sua força. A animosidade, que aparece em frequentes situações de sua vida, voltava-se para o fato dos cristãos-novos viverem como cristãos e não firmarem com mais convicção sua identidade judaica, querendo honestamente, muitas vezes, ser católicos. Bento Teixeira critica uma postura em seus irmãos a que ele próprio foi forçado a assumir.

O comportamento dos cristãos-novos não era uniforme e coerente, mas extremamente variado e ambivalente. Bento Teixeira não desconhecia as dificuldades para se continuar judeu na colônia. A convivência com o clero católico o tornou um descrente. Sabia o quanto os cristãos odiavam os judeus e cita o exemplo de Frei Damião, que, se pudesse, “mandaria queimar todos os judeus” (ANTT/PT/TSO-IL Proc. nº 5206). É curioso notar que todos os jesuítas arguidos sobre sua conduta o defenderam. Entre seus vizinhos, amigos, colegas e até a esposa, muitos o chamavam de *judeu*, mesmo considerando seu comportamento como de bom cristão.

A dignidade que Bento Teixeira tenta salvar, impregna as entrelinhas de seus discursos. O problema de consciência é uma “medida de cada pessoa” e, após tudo, é a “honra que permanece” (ANTT/PT/TSO-IL Proc. nº 5206). O orgulho de ser judeu coloca Bento Teixeira em destaque em meio aos perseguidos, os quais sempre desejavam apagar suas origens judaicas.

No jogo que Bento Teixeira estruturou perante

os Inquisidores, afirmou que tinha errado e a consciência do erro compungia-o, martirizava-o e remordia-o.¹² Foi por este sentimento que disse ter chegado à confissão. Contradições frequentes, condicionadas por um sistema perverso de manipulação.

Bento Teixeira usa de mentiras para viver. Era judeu, sim, não o podia negar. Elabora então o mais belo texto de defesa que nessa época apareceu na Inquisição. Evoca as *Escrituras*, onde aflui a sua erudição, fantasia-se de humildade e confessa que serviu a Lei Velha de Moisés “não 14 anos como Jacó, não pela formosa Rachel, mas pela remelosa Lia” (ANTT/PT/TSO-IL Proc. nº 5206). Constrói uma defesa com tanta inteligência que os Inquisidores são convencidos de que era cristão. Atrás de sua subversão, brilha seu espírito. Mas o que nos interessa principalmente são suas denúncias à corrupção do Santo Ofício, da comunicação dos réus nas prisões, a humilhação do uso do hábito penitencial no corpo,¹³ depois da reconciliação com a Igreja.

Bento Teixeira solicita misericórdia, bajula os Inquisidores, a Igreja, Jesus, os santos, mas de nada lhe valeu colaborar com o sistema. Apenas adiou a sua morte, tendo o mesmo destino de muitos outros portugueses. Os anos vividos no cárcere o mataram. O poder, o Estado e a Igreja puseram fim, aos 40 anos de idade, à vida do maior pensador que o Brasil teve no seu primeiro século.

Bento Teixeira foi a maior expressão do pensamento crítico da sociedade colonial. Suas ideias expressam seu desacordo para com a maioria dos valores de seu tempo. Entre os cristãos-novos, ávidos por aprender a sua religião de origem, era considerado pelos seus correligionários, e por si próprio, um verdadeiro “rabi”.¹⁴

Bento Teixeira, de um lado, iluminou com suas ideias as trevas do pensamento brasileiro; de outro, foi um produto do sistema político em vigor, que transformava cada cidadão em colaborador.

Da subversão saiu a luz. Mas ela foi ofuscada e, durante séculos, fará Portugal permanecer nas trevas e na ignorância.

NOTAS

1 Santo Ofício da Inquisição – instituição de origem medieval criada pelo papado no século XII para combater heresias. A Inquisição Ibérica, na época moderna, surgiu no século XV na Espanha, com a criação do Tribunal do Santo Ofício em 1478 e, em 1536, foi instalado Tribunal semelhante em Portugal, com a intenção específica de vigiar e punir o comportamento dos novos conversos e cristãos-novos.

2 *Prosopopeia*: Escrita em louvor a Jorge de Albuquerque, Governador Geral de Pernambuco, *Prosopopeia* relata em tom épico a natureza privilegiada da terra que este administrou temporariamente, a luta contra os índios, o naufrágio pelo qual passou, quando voltava a Portugal, a sua heroica resistência ao lado de D. Sebastião durante a batalha de Alcácer Quibir, sua prisão e posterior resgate. A obra foi publicada em 1601, um ano após a morte de Bento Teixeira.

3 Ver ainda, sobre Bento Teixeira, os trabalhos de ALVES, Luís Roberto. *Confissão, Poesia, Inquisição*. São Paulo: Editora Ática, 1983; MUHAMA, Adma. “O Prosopopeia de Bento Teixeira: epopeia de derrotas” in *Literatura Portuguesa Aquém-Mar*. Programa de Pós Graduação em Literatura Portuguesa. Editora Komedi, 2005, p. 151-168; PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. *A Poética da Resistência em Bento Teixeira e Antonio José da Silva, o Judeu*. São Paulo: Editora Anna Blume, 1998; SIQUEIRA, Sonia Aparecida. O Cristão Novo Bento Teixeira: Cripto Judaísmo no Brasil Colônia. *Revista de História*, São Paulo, v. XLIV, número 90, 1972, p. 395-467; SOUSA, José Galante de. *Em torno do poeta Bento Teixeira*, Instituto de Estudos Brasileiros, IEB São Paulo, 1972; VILAR de CARVALHO, Gilberto. *Onde se conta a história de Bento Teixeira, cristão novo, instruído, desbocado e livre, primeiro poeta do Brasil, perseguido e preso pela Inquisição*. São Paulo: Marco Zero, 1995.

4 Cristão-novo/ meio cristão-novo/parte de cristão-novo:

termo com que se designavam todos os judeus que foram convertidos à força, em Portugal no ano de 1497, e seus descendentes, quando apenas um dos pais era de origem judaica; eram “parte cristãos novos” os portugueses de origem judaica, por via paterna ou materna ou por descendência mesmo que longínqua. Marrano era o termo usado para definir o cristão-novo, converso, o “homem dividido” entre os mundos cristão e judaico.

5 *Metamorfose*, coletânea de poemas em quinze livros composta por Ovídio (ano I ou II d.C.), que reúne cerca de 250 fábulas, consagradas às transformações dos heróis mitológicos em plantas, animais ou minerais. Nuno Fernandes também confessou a posse e leitura de Ovídio, em confissão em 1 de fevereiro de 1592 in Mendonça, Heitor Furtado de. *Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. Confissões da Bahia*. Rio de Janeiro. Editora Sociedade Capistrano de Abreu, 1935, p. 144.

6 *Diana*, poema de autoria de Jorge de Montemayor. Escrito sobre um fundamento autobiográfico, entrelaça expressões de amor, de sentimento de ausência junto a anedotas cortesãs. Escrito em espanhol, possui fragmentos em português. Obra proibida pelo *Index*, consta das *Confissões e Denúncias* como uma das mais lidas no Brasil no século XVI. Confessaram sua posse e leitura Bento Teixeira, Paula de Sequeira, Nuno Fernandes, Bartolomeu Fragoso, entre outros (Mendonça, 1935).

7 Visitador era uma pessoa designada pelo Santo Ofício para realizar Visitações, ou seja, receber as denúncias e confissões em locais onde não havia Tribunais da Inquisição instalados, como por exemplo, no Brasil. O primeiro visitador no Brasil foi Heitor Furtado de Mendonça. Ver. Mendonça, 1925, 1929, 1935.

8 Heresia – a palavra heresia vem do grego e significa a capacidade de cada um de escolher o que lhe pareça mais aconselhável: não era herege o judeu que jamais foi católico, pois nunca pertenceu à Igreja, mas o judeu batizado. Entre os crimes encontravam-se a guarda dos sábados, a limpeza das casas às sextas feiras, os jejuns judaicos, a proibição de leituras, entre outros.

9 No ato da prisão, os bens eram subtraídos de seus proprietários e ficavam sob a posse da Igreja até a finalização dos processos. Os réus condenados tinham seus bens confiscados em nome da Coroa e do Santo Ofício. Apesar de pertencerem à Coroa, na verdade, quem

os administrava era a Igreja.

10 Dizia que ouvira e passara a repetir a frase que, de forma jocosa, se referia ao ato sexual. “Entro com o papa no sacro palácio e deixo de fora os cardeais”. *Processo de Bento Teixeira 5206*. Instituto Nacional de Arquivos Torre do Tombo, Lisboa.

11 Diogo Dorta, sobrinho neto do cientista Garcia de Orta, era filho de Manoel Dorta e Guimar Peres e neto de Catarina de Orta, irmã de Garcia de Orta, queimada pela Inquisição. Diogo teve papel fundamental na propagação do Judaísmo entre os marranos, servindo como agente secreto, autodenominando-se *correio*, levando e trazendo notícias, planos e ajuda financeira. In Novinsky, Anita; “A Família Marrana de Garcia de Orta”, 2001, p. 361 e 363.

12 “A consciência compunge-me e martiriza, logo algum crime tenho eu cometido, este é o ser judeu pertinaz, contra a lei de Cristo, logo o ser judeu é mau, e a lei de Cristo é boa, pois a consciência me remorde porque a não sigo, antes faço contra ela”. *Processo de Bento Teixeira 5206*.

13 Hábito penitencial (sambenito) – espécie de capa com a cruz amarela de Santo André, traje especial que indicava a condição do condenado por heresia que deveria ser usado por aqueles que a Igreja considerava reconciliados, mas que tinham que portá-lo como lembrança de seus crimes.

14 Rabi, rabino = Autoridade religiosa. Também pode ser entendido como a pessoa que, com grandes conhecimentos acerca da religião, é vista como um professor. Em conversa com o preso Diogo Dorta, Bento Teixeira lembrou que tinha sido considerado no Brasil como o único em condições de personificar o rabino na colônia: “Porque se no Brasil onde não vai senão a alforria do mundo havia tão fino judeu como eu, que muitos mais finos os há de haver em Portugal, que tem a nata do mundo abreviada em si.” *Processo de Bento Teixeira 5206*.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Luís Roberto. *Confissão, Poesia, Inquisição*. São Paulo: Editora Ática, 1983.
- ANTT/PT/TSO-IL Proc. nº 5206. *Processo de Bento Teixeira*. Instituto de Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, Lisboa. (Documento Manuscrito).
- LIPINER, Elias, *Os judaizantes nas Capitâneas de Cima*. São Paulo: Brasiliense, 1968.

- MENDONÇA, Heitor Furtado de. *Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. Denúncias de Pernambuco*. Coleção para melhor se conhecer o Brasil. Homenagem de Paulo Prado, São Paulo, 1929.
- _____. *Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. Denúncias da Bahia*. 1591-1593. Série Eduardo Prado. Para melhor se conhecer o Brasil. São Paulo, 1925.
- _____. *Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. Confissões da Bahia*. 1591-1593. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1935.
- MUHAMA, Adma. "O Prosopopeia de Bento Teixeira: epopeia de derrotas" in *Literatura Portuguesa Aquém-Mar*. Programa de Pós Graduação em Literatura Portuguesa. Campinas, São Paulo: Komedi, 2005, p. 151-168.
- NOVINSKY, Anita. *Inquisição: Prisioneiros do Brasil*. São Paulo: Expressão e Cultura, 2002.
- _____. "A Família Marrana de Garcia da Orta; O 'Correio' dos Judeus" in NAHON, Gerard; Méchoulan, Henry (Org.). Memorial I. S. Revah. *Etudes sur le Marranisme, l'hétérodoxie juive et Spinoza*. Paris, Louvain: Peeters, 2001, p. 357-369.
- PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. *A Poética da Resistência em Bento Teixeira e Antonio José da Silva, o Judeu*. São Paulo: Anna Blume, 1998.
- RIBEIRO, Eneida Beraldi; *Bento Teixeira e a "Escola de Satanás"; O Poeta que teve a "Prisão por Recreação, a Solidão por Companhia e a Tristeza por Prazer"*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, março de 2007.
- SIQUEIRA, Sonia Aparecida. O Cristão Novo Bento Teixeira: Cripto Judaísmo no Brasil Colônia. *Revista de História*, São Paulo, v. XLIV, número 90, 1972, p. 395-467.
- SOUSA, José Galante de. *Em torno do poeta Bento Teixeira*, Instituto de Estudos Brasileiros, IEB São Paulo, 1972.
- VILAR de CARVALHO, Gilberto. *Onde se conta a história de Bento Teixeira, cristão novo, instruído, desbocado e livre, primeiro poeta do Brasil, perseguido e preso pela Inquisição*. São Paulo: Marco Zero, 1995.

Recebido em 04/05/12

Aceito em 20/06/12